

APONTAMENTOS SOBRE JOÃO BATISTA NOS ESCRITOS NÃO BÍBLICOS DA ANTIGUIDADE CRISTÃ

Carlos Jeremias Klein

João Batista aparece em todos os evangelhos canônicos, principalmente, relacionado ao início do ministério público de Jesus. Segundo o Evangelho de São Lucas, a mãe de João Batista, Isabel, era parenta de Maria, mãe de Jesus (Lc 1,36). Todos os sinóticos narram o batismo de Jesus por João Batista no Rio Jordão e o Quarto Evangelho também faz referências a João Batista no contexto desse evento (Jo 1,23-34).

Após esta colocação inicial, este trabalho visa apresentar alguns apontamentos sobre a figura do Profeta João Batista, precursor de Jesus Cristo, em textos não bíblicos da Antiguidade cristã.

1. João Batista e a Comunidade de Qumran

A partir de 1947, com a descoberta dos manuscritos do Mar Morto, pôde ser mais conhecida a Comunidade de Qumran ou dos essênios, dos quais fizeram referências Plínio, o Velho, Flávio Josefo e Filon de Alexandria. A comunidade, organizada cerca de dois séculos antes de Cristo, perdurou até fins do primeiro século da era cristã.

Ildo Perondi, que visitou recentemente Israel, conta que quem visita a comunidade de Qumran assiste, na recepção, um filme “que informa sobre um personagem que esteve na comunidade, mas que foi expulso por não se adaptar à comunidade. Esse personagem é identificado com o Profeta João Batista. E se lermos os evangelhos sinóticos, vemos que os traços de João Batista (a radicalidade da sua proposta) têm muito a ver com a comunidade de Qumran”¹.

De qualquer modo, mesmo que João tivesse entrado em contato com a comunidade de Qumran, seguramente não permaneceu na mesma, pois sua atividade profética não parece coadunar-se com o posicionamento da mesma.

2. Flávio Josefo e João Batista

Fávio Josefo, em *Antiguidades Judaicas*, livro 18, capítulo V, 2, ao narrar a derrota do exército de Herodes Antipas I frente ao de Aretas IV, da Nabateia, comenta:

Alguns judeus creram que o exército de Herodes havia perecido pela ira de Deus, sofrendo o condigno castigo por haver matado a João, chamado o Batista. Herodes o fez matar, apesar de ser um homem justo que pregava a prática da vir-

1. PERONDI, Ildo. *Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto*. Disponível em <http://www.presbiteros.com.br> – Acesso em 02.03.2010.

tude, incitando a viver com justiça mútua e com piedade para Deus para assim poder receber o batismo; se serviam dele não para perdoar certas faltas, mas para purificar o corpo, contanto que previamente a alma tivesse sido purificada pela retidão. Homens de todos os lados se haviam reunido com ele, pois se entusiasmavam em ouvi-lo falar. Contudo, Herodes, temeroso de que sua grande autoridade induzisse seus súditos a se rebelar, pois o povo parecia disposto a seguir seus conselhos, considerou mais seguro tirá-lo do meio, do contrário poderia arrepender-se mais tarde se produzisse uma rebelião. E assim com estas suspeitas de Herodes (João) foi encarcerado e enviado a Maquero, da qual temos falado antes. Os judeus criam que, em vingança de sua morte, o exército de Herodes foi derrotado, querendo Deus castigá-lo².

O relato de Flávio Josefo diverge da versão de Mateus e de Marcos sobre o motivo da morte de João Batista. Enquanto os evangelistas destacam o pedido da filha de Herodiades, na festa natalícia de Herodes, Josefo refere-se ao medo de uma rebelião popular pela influência do Batista. De qualquer modo, as duas versões se referem a Herodiades, cunhada de Herodes e desposada por este. Josefo menciona que a guerra contra os nabateus foi provocada pela primeira mulher de Herodes, filha de Aretas IV.

3. João Batista e a literatura apócrifa

Um dos livros da infância de Jesus, *A História de José, o Carpinteiro*, apresenta Jesus contando aos apóstolos, no Monte das Oliveiras, seus primeiros anos de vida e de seus pais. Esse livro apresenta José como pai do grupo de pessoas que o Novo Testamento denomina irmãos de Jesus, a saber, Judas, e Josetos, Tiago e Simão, e dá nome às irmãs de Jesus, a saber, Lista e Lídia. No capítulo 8 o primeiro verso faz referência a João Batista: “Satanás deu um conselho a Herodes, o Grande, pai de Arquelau, aquele que fez decapitar meu querido parente João”³. O autor comete um erro histórico, pois a morte de João Batista foi ordenada por Herodes Antipas I.

O *Evangelho Árabe da Infância*, no capítulo 54, não cita João Batista nem o Batismo de Jesus, mas narra as mesmas cenas dos sinóticos ocorridas na ocasião, tendo Jesus trinta anos: “seu Pai, revelando publicamente sua missão às margens do Jordão, fez soar, do alto céu, estas palavras: ‘É meu filho Amado no qual coloquei toda minha complacência’, e foi quando o Espírito Santo apareceu sob a forma de pomba branca”⁴.

O *Proto-Evangelho de Tiago* narra, no capítulo 12, verso 2, a visita de Maria a Isabel: “Cheia de alegria, Maria foi à casa de sua parenta Isabel. Chamou-a da porta e ao ouvi-la Isabel largou o escarlate, correu para a porta, abriu-a e, ao ver Maria, louvou-a dizendo: ‘Que fiz eu para que a mãe do meu Senhor venha a minha casa? Pois saiba que o fruto que carrego em meu ventre se pôs a pular dentro de mim, como que

2. JOSEFO, Flavio *Antigüedades de los judios*, livro 18, Barcelona, Libros CLIE, 1988, p. 240-241.

3. *A História de José, o carpinteiro*. Apócrifos e Pseudoepígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 437.

4. *Evangelho árabe da infância*. Apócrifos e Pseudoepígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 469-470.

para bendizer-te”⁵. Os capítulos 22 e 23 desse evangelho ampliam a narração do Evangelho de São Mateus sobre a matança dos inocentes para descrever a perseguição de Herodes a João Batista, como este foi escondido por seu pai Zacarias para salvá-lo da morte.

Em dezembro de 1945, alguns felás (beduínos egípcios) descobriram, nas proximidades de Nag Hammadi, um jarro contendo fragmentos de papiros. Entre esses fragmentos, encontrava-se o chamado *Evangelho Segundo Tomé, o Dídimos*.

A seguir uma citação deste Evangelho, que se assemelha ao que consta no Evangelho de São Mateus: “46. Disse Jesus: Desde Adão até João Batista não há ninguém maior entre os nascidos de mulher do que João Batista, porque seus olhos não foram danificados. Mas eu disse: Aquele que entre vós se tornar pequeno conhecerá o Reino e se tornará maior que João”⁶. Em Mt 11,11 lê-se: “Em verdade, vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, e, no entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele”. Esta frase tem sido entendida, geralmente, à luz da “economia” da história da salvação, sem diminuir a importância de João Batista: “os tempos do Reino transcendem inteiramente aqueles que os precederam e prepararam”⁷.

Um texto sobre o qual há poucas referências é *A vida de João Batista*, cuja autoria é atribuída a Serapião, bispo de Thmuis, cerca do ano 390⁸.

4. João Batista nos Pais pré-nicenos

João Batista não aparece nos escritos dos Pais Apostólicos, a não ser de modo indireto. A Carta de Clemente, bispo de Roma, aos Coríntios, em fins do primeiro século, cita parte de Malaquias 3,1, a saber: “O Senhor, o Santo que esperais, virá logo ao seu templo”⁹. O verso inteiro reza: “Eis que vou enviar o meu mensageiro para que prepare um caminho diante de mim. Então, de repente, entrará em seu Templo o Senhor que vós procurais; o Anjo da Aliança, que vós desejais, eis que ele vem, disse o Iahweh dos exércitos” (Ml 3,12). No mesmo capítulo de Malaquias, o mensageiro enviado para preparar o caminho diante do Senhor é identificado com Elias: “Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível” (Ml 3,23 ou 4,5 na Versão de Almeida). Segundo o Evangelho de São Mateus, João Batista é “o Elias que deve vir” (Mt 11,14) ou mesmo “que já veio, mas não o reconheceram” (Mt 17,11-13).

Inácio de Antioquia, em sua Carta aos Efésios (18,2), menciona: “De fato, o nosso Deus Jesus Cristo, segundo a economia de Deus, foi levado no seio de Maria, da des-

5. *Proto-Evangelho de Tiago*. Apócrifos e Pseudoepígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 524.

6. *Evangelho Segundo Tomé, o Dídimos*, 46, in Apócrifos e Pseudoepígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 591.

7. *Bíblia de Jerusalém*. Nota de rodapé à página 1297. São Paulo: Paulinas, 1981.

8. [Http://en.wikipedia.org/wiki/Life_of_John_the_Baptist](http://en.wikipedia.org/wiki/Life_of_John_the_Baptist) – Acesso em 4 de março de 2010. O site <http://greciantiga.org> também faz referências ao livro “A vida de João Batista”.

9. *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, p. 41.

condição de Davi e do Espírito Santo. Ele nasceu e foi batizado, para purificar a água na sua paixão”¹⁰. Inácio se refere ao batismo de Jesus na água, mas omite o nome de João, o Batista.

A Carta de Barnabé, por sua vez, cita algumas frases do Profeta Isaías, particularmente: “Filhos, escutai a voz que grita no deserto”¹¹. A frase lembra Isaías 40,3: “Uma voz clama: No deserto, abri um caminho para Iahweh, na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus”, principalmente pelo fato de no contexto citar também Isaías 49,13. Os evangelhos de São Mateus (3,3) e São João (1,23) citam o texto de Isaías segundo a Septuaginta: “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, aplainai as suas veredas”, aplicando-o a João Batista.

Nos Pais Apologistas não se encontra menção de João Batista, a não ser em Justino, o Mártir. No *Diálogo de Justino com o judeu Trifão*, os capítulos 49 a 51 tratam de discussão sobre João Batista, precursor de Cristo.

Justino (49,2) comete um lapso ao se referir à profecia de Malaquias (4,5, ou, na Bíblia de Jerusalém, 3,23), como sendo de Zacarias¹². Trifão contesta a tese que Cristo, o Ungido, já veio, pelo fato de Elias, que deveria ungir o Cristo, ainda não ter vindo. Justino, inicialmente, dá uma resposta um tanto desconcertante, do ponto de vista da escatologia cristã histórica: Admite que a vinda de Elias “acontecerá quando nosso Senhor Jesus Cristo voltar do céu em glória”¹³. Mas Justino abrandava essa hermenêutica, admitindo que o Espírito de Deus que esteve em Elias “também esteve em João, profeta do vosso povo, depois do qual nenhum outro profeta tornou a aparecer entre vós”¹⁴.

Em seguida, Justino passa a narrar a pregação de João chamando o povo à penitência, ao batismo, ao anúncio que “virá outro mais forte do que eu, cujas sandálias não mereço carregar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”, bem como à prisão de João por ordem do Rei Herodes e a morte do Batista a pedido da sobrinha do rei, atendendo a sugestão de sua mãe: “ela fez o pedido, e o rei mandou um carrasco e deu ordem que trouxesse a cabeça do profeta sobre uma bandeja”¹⁵. O relato de Justino está em harmonia com os evangelhos sinóticos.

Irineu de Lião, em sua célebre obra *Adversus haereses* (Contra as heresias), no Livro I, comenta que os gnósticos faziam distinção entre o batismo de Jesus, que era para remissão de pecados, mas “a redenção para a perfeição foi-lhe concedida pelo Cristo que desceu sobre ele; o batismo era psíquico, mas a redenção, pneumática. Com efeito, o batismo que João pregava era para a remissão dos pecados, mas a redenção para a perfeição foi realizada por Cristo”¹⁶. No Livro III, 9.3, Irineu, ao tratar do teste-

10. *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, p. 88.

11. *Ibidem*, p. 299.

12. *Justino de Roma*. São Paulo: Paulus, p. 181.

13. *Idem*.

14. *Ibidem*, p. 181-182.

15. *Ibidem*, p. 182.

16. Irineu de Lião, I Livro. São Paulo: Paulus, 1995, p. 94.

munho dos apóstolos e dos discípulos, esclarece que no Batismo de Jesus não se trata de uma descida do Cristo sobre o homem Jesus, mas sim que foi “ungido pelo Pai” e nos capítulos 10 e 11 faz referências a João Batista, com mais detalhes. Comenta Lc 1,15-17, bem como Lc 7,28 e Mt 11,11 onde Jesus afirma que João “era mais do que profeta” e “entre os nascidos de mulher ninguém era maior do que João Batista”, e acrescenta: “Ele preparava o povo, renunciando aos seus companheiros de cativeiro a vinda do Senhor, pregando-lhes a penitência para que, na presença do Senhor, estivessem preparados para receber o perdão, por se terem convertido àquele do qual tinham se afastado com seus pecados e transgressões”¹⁷. Em 10,3 Irineu faz menção ao texto de João 1,29-30, principalmente a célebre frase de João Batista, sobre Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, comentando: “Esta é a gnose da salvação: reconhecer não outro Deus ou outro Pai ou o Abismo ou o Pleroma dos trinta Eões [...] Mas o conhecimento do Filho de Deus que é chamado e é realmente Salvação, Salvador e Poder salvador”¹⁸.

Cipriano, bispo de Cartago, defendia a ideia que o batismo realizado por grupos fora da Igreja católica não era válido e, no caso de adesão à Igreja, pessoas oriundas desses grupos deveriam receber novamente o batismo, ou seja, serem *rebatizadas*, posicionamento este que o levou a conflitos com Estêvão, bispo de Roma, em meados do terceiro século. Cipriano defende a prática do rebatismo citando o texto de Atos dos Apóstolos 19,1-7, no qual se lê que Paulo batizou pessoas que haviam sido batizadas com o batismo de João, e, neste contexto, faz um elogio à figura do Batista:

Agora alguns dos nossos defendem que o batismo dos hereges e, por certa aversão ao que parece ser o rebatismo, consideram ilícito batizar depois aos inimigos de Deus quando é assim que encontramos batizados aos que João havia batizado (cf. Mt 3,11-59); aquele João, o maior dos profetas; aquele que foi cheio da graça divina ainda no seio materno; aquele Elias em espírito e em verdade, não adversário do Senhor, mas precursor e anunciador; que não somente anunciou o Senhor com palavras, mas lhe manifestou; que batizou ao mesmo Cristo em nome do qual são batizados os demais¹⁹.

Neste trabalho, não se defende o posicionamento de Cipriano sobre a questão rebatistal, mas seu elogio à figura de João Batista. A tradição dominante no cristianismo foi e continua sendo a validade do batismo realizado com água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo²⁰.

Considerações finais

Neste trabalho limitei-me à literatura cristã mais antiga, primeiro período da Patrística (Pais anteriores ao Concílio de Niceia, do ano 325), Evangelhos apócrifos,

17. Ibidem, p. 271.

18. Ibidem, p. 273-274.

19. San Cipriano, *Obras de San Cipriano* a Yubayano, p. 691.

20. Cf. Klein, Carlos Jeremias. *Batismo e rebatismo nas diversas tradições cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

bem como ao escritor judeu Flávio Josefo. Uma pesquisa mais ampla poderia trazer mais elementos sobre a instigante figura de João Batista, por exemplo, na Patrística dos Pais Nicenos e Pós-Nicenos e no Alcorão.

No Alcorão, Yahia (João) é referido em várias passagens, entre as quais menciono as Suratas 3.38-41 e 19,7-15 que tratam do anúncio do nascimento de João Batista a Zacarias, seguindo de perto a narrativa de Lucas, capítulo 1, e a Surata 6.85: “A Zacarias e Yahia (João), a Jesus e Elias, pois todos se contavam entre os virtuosos”²¹.

O personagem João Batista aparece, seja nos textos bíblicos, seja em outros da mais antiga literatura cristã, relacionado a Jesus. De fato, a releitura neotestamentária de Isaías sobre a “voz que clama no deserto”, bem como de Malaquias 3,1 e 23 sobre o envio do profeta Elias antes do *Dia de Iahweh*, apontam João como aquele que prepara a chegada de Cristo. Cumpriram-se, deste modo, as palavras do último testemunho do João Batista conforme Jo 3,22-36, do qual destaco os v. 28-30: “Não sou eu o Cristo, mas fui enviado adiante dele. Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Essa é minha alegria e ela é completa! É necessário que ele cresça e eu diminua”.

Referências bibliográficas

- APÓCRIFOS E PSEUDOEPÍGRAFOS DA BÍBLIA. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1981.
IRINEU DE LIÃO. São Paulo: Paulus, 1995.
JOSEFO, Flávio. *Antigüedades de los judios, Tomo III*. Barcelona: Livros CLIE, 1988.
JUSTINO DE ROMA. *I e II (Apologias, Diálogo com Trifão)*. São Paulo: Paulus, 1995.
PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus, 1995.
PERONDI, Ildo. *Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto*. Disponível em <http://presbiteros.com.br>
SAN CIPRIANO. *Obras de San Cipriano*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.

Carlos Jeremias Klein
Centro Universitário Filadélfia de Londrina – UniFil
Av. Garibaldi Deliberador, 216, apto. 21
Jardim Cláudia
86050-280 Londrina, PR.

21. Alcorão Sagrado. São Paulo: Marsam, 1994